

## O PAPEL DA MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO: UM OLHAR SOBRE O PROBLEMA DA ESTERELIDADE

Marcos Anderson Tedesco<sup>25</sup>

### RESUMO:

Esse artigo busca abordar as tensões provocadas em torno do problema da esterilidade na sociedade hebraica descrita no Antigo Testamento. A partir de uma pesquisa bibliográfica, aborda as relações de gênero nas famílias hebraicas do período estudado buscando perceber as atribuições e os papéis dos homens e das mulheres em uma sociedade conhecida por seus traços patriarcais. Espera-se que as tensões percebidas revelem o sofrimento das mulheres que vivem a angústia e a frustração frente às expectativas sociais de fertilidade e abundância de filhos. Finalmente aponta-se para uma necessidade de ampliação de pesquisas nessa área visando uma percepção mais criteriosa e profunda acerca das relações de gênero nos textos bíblicos e suas possíveis implicações na sociedade contemporânea que se utiliza dos textos bíblicos como parâmetros de vida. Auxiliam nas reflexões propostas nessa pesquisa os seguintes autores: Benthó (2016), Wolff (2007), Smith (2001), Lasor (1999), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade Hebraica. Gênero. Família. Patriarcal. Teologia.

### ABSTRACT:

This article seeks to address the tensions provoked around the problem of sterility in the Hebrew society described in the Old Testament. Based on a bibliographical research, it approaches the gender relations in the Hebrew families of the period studied, seeking to understand the attributions and roles of men and women in a society known for its patriarchal traits. It is

---

<sup>25</sup> Mestre em Educação pela UNIVILLE; especialista em Antigo Testamento pela Unicesumar; graduado em Pedagogia pela FAEL; em Teologia pela Refidim e em História UDESC. Professor na Faculdade Refidim. E-mail: marcotedesco@ceeduc.edu.br.

expected that the perceived tensions reveal the suffering of women who experience anguish and frustration in the face of social expectations of fertility and the abundance of children. Finally, it points to a need to expand research in this area, aiming at a more discerning and profound perception of gender relations in biblical texts and their possible implications in contemporary society that uses biblical texts as parameters of life. The following authors help in the reflections proposed in this research: Benthó (2016), Wolff (2007), Smith (2001), Lasor (1999), among others.

**KEY WORDS:** Hebrew Society. Gender. Family. Patriarchal. Theology.

## 1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

A sociedade hebraica no Antigo Testamento, assim como as demais ao longo da história, possui suas características próprias e também suas tensões. Ao nos debruçarmos sobre os traços da sociedade hebraica de então, podemos perceber o quanto as questões de gênero representavam a sua estrutura social e também, conseqüentemente, ditavam um padrão que, quando não seguido, gerava fortes conflitos existenciais. Entre esses conflitos, encontramos os que se evidenciavam em decorrência do problema da esterilidade.

Diante de uma sociedade fortemente patriarcal como a descrita nos textos veterotestamentários, como a mulher percebe, se relaciona e enfrenta o problema da esterilidade? Muitas das histórias narradas nos textos sagrados retrataram a forma como o problema era percebido no meio social. Conseqüentemente, é possível perceber este como um dos problemas que atormentavam muitas mulheres em toda a sociedade de então.

Ao longo desse texto, pretende-se abordar algumas dessas tensões provocadas pelo problema da esterilidade na sociedade hebraica veterotestamentária. Para tanto, é preciso entender como se constituíam as relações de gênero nas famílias hebraicas do Antigo Testamento e identificar o papel da mulher nesse período. Só então será possível perceber as tensões provocadas mediante o problema da esterilidade e buscar um apontamento dos temas teológicos que se apresentam nas narrativas bíblicas que mencionam a problemática da esterilidade.

Ao analisarmos as narrativas veterotestamentárias, encontramos uma sociedade fortemente patriarcal e que busca impor uma ideia de estabilidade quanto às questões de gênero, principalmente no que tange aos papéis do homem e da mulher no contexto social.

No entanto, muitas tensões podem ser percebidas revelando o sofrimento das mulheres que são pressionadas à maternidade e à geração de filhos que honrem os valores sociais constituídos historicamente. Essas tensões se agravam quando entra em cena a realidade da esterilidade, seja ela feminina ou masculina, e outros complicadores decorrentes dessa condição.

O entendimento de como essas mulheres se relacionavam com essas tensões podem nos permitir uma percepção bastante peculiar de temas teológicos relevantes para a religiosidade constituída a partir das bases hebraicas.

## **2 UMA PERCEPÇÃO A PARTIR DOS TEXTOS BÍBLICOS**

Este artigo se subdivide em dois tópicos. No primeiro buscou-se um entendimento acerca do papel da mulher na sociedade hebraica dos tempos veterotestamentários. Nessa etapa, é possível perceber o quanto as questões de gênero se impõem na construção da trama social e determinam de forma incisiva os papéis de cada membro no núcleo familiar. O segundo tópico aponta para as tensões que são geradas quando o problema da esterilidade se faz presente na família. Essas tensões implicam, inclusive, nas questões teológicas como veremos adiante.

Uma pesquisa bibliográfica nos conduzirá e possibilitará uma série de reflexões que nos permitiram compreender melhor a questão proposta. Entre os autores que nos auxiliam, destaco Benthó (2016), Lasor (1999), Smith (2001) e Wolff (2007), todos devidamente referenciados ao final do presente texto.

Finalmente, é importante destacar que este trabalho pretende contribuir para as reflexões acerca das questões de gênero no texto bíblico, porém de forma muito modesta. É evidente o quanto ainda há por se pesquisar, refletir e produzir percepções e considerações nessa tão ampla área de estudo que se constitui na convergência dos estudos teológicos e das questões de gênero.

## **3 RELAÇÕES DE GÊNERO E FAMÍLIA NO ANTIGO TESTAMENTO**

A sociedade hebraica dos tempos bíblicos, principalmente dos veterotestamentários, tinha a família como o âmago da estrutura social.

Tudo acontecia em volta da família e a partir dela eram pensadas as relações sociais e as atividades cotidianas, desde as mais simples até as mais complexas. Segundo Benthó:

A constituição do núcleo familiar a priori foi composta por um homem e uma mulher. Mais tarde, acrescentou-se ao casal os filhos gerados dessa união. A partir do nascimento dos filhos, a família tornou-se o primeiro sistema social no qual o ser humano é inserido<sup>26</sup>.

O núcleo familiar, como percebemos acima, era composto por uma ordem estabelecida “padrão”: o homem, a mulher e os filhos gerados do casal. Essa formação era vista como a ideal por toda a sociedade e qualquer alteração nesse formato pré-definido provocava um entendimento de inadequação e, conseqüentemente, questionamento e insatisfação.

Acerca da união entre o homem e a mulher, para Gerstenberger, o Antigo Testamento pressupunha uma estrutura social patriarcal como algo naturalizado e predominante.<sup>27</sup> O homem era o “cabeça”, o “centro” e o “líder”. Já a mulher era vista como a “varoa” que do varão havia sido tomada, como consequência, e não como igual (Gn 2.23). Cabia a mulher se perceber como o “outro” sexo, que estava destinada a complementar a estrutura criada por Deus servindo ao homem, seu esposo.

Sobre essa distância existente entre as posições sociais ocupadas pelos homens e pelas mulheres, Gerstenberger afirma que:

---

<sup>26</sup> BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: História e Sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 25,

<sup>27</sup> GERSTENBERGER, Erhard. *Dominar ou Amar: o Relacionamento de Homem e Mulher no Antigo Testamento*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.23, n.1, 1983.

encontramos as passagens suficientemente abordadas que apresentam o homem como proprietário, tutor e senhor da mulher. E, a distância entre o homem e a mulher se alarga, transformando-se em abismo nas afirmações hostis às mulheres que encontramos no judaísmo<sup>28</sup>.

O tratamento diferenciado entre os sexos é amplamente encontrado nas narrativas bíblicas possibilitando um entendimento do quanto esse distanciamento levava a uma desigualdade estrutural com desencadeamentos psicológicos, afetivos, sociológicos, entre outros. O homem era o senhor “absoluto” enquanto à mulher cabia uma cega obediência e submissão.

É evidente que essa realidade não encontrava a aceitação pretendida e muitas são as passagens bíblicas que apontam caminhos traçados por suas personagens levando-as à protagonismos pontuais, porém, dignos de nota: a manipulação de Raquel frente ao redirecionamento da benção de Isaque sobre o seu filho (Gn 27), a rainha Ester fazendo valer suas causas diante da sede por vingança de Hamã (Es 4.16) e a liderança de Débora (Jz 4 e 5) são alguns desses exemplos.

De modo geral, o papel da mulher na família hebraica durante o período do Antigo Testamento era algo que envolvia obediência, dependência e subordinação irrestritas. A boa mulher era, conseqüentemente, a esposa obediente e a mãe caridosa, fértil e submissa. Sobre isso, Benthó revela que:

O relato da criação do primeiro casal apresenta a mulher com duas principais funções: esposa e mãe. Não são funções

---

<sup>28</sup> GERSTENBERGER, 1983, p. 43.

separadas ou independentes, mas constitutivas do ser mulher segundo o propósito da criação divina<sup>29</sup>.

Conforme lemos acima, a mulher tinha como propósito de vida ser companheira submissa e mãe dedicada. A impossibilidade do cumprimento de uma dessas atribuições se revelaria como motivo de grande insatisfação e vergonha. Afinal, não era simplesmente a esposa “que não teria filhos”, mas sim, a mulher que não conseguiria cumprir o propósito divino para com todas as mulheres e, fatalmente, levaria consigo essa marca em sua existência.

Para Wolff:

juridicamente o homem é considerado o ‘proprietário’ da mulher (Êx 21.3; Dt 24.4; 2 Sm 11.26), e a mulher como ‘posse’ do homem (Gn 20.3; Dt 22.22)” havendo inclusive uma forte orientação dos textos do veterotestamentários indicando os valores atribuídos nas “negociações” em busca de casamentos e alianças.<sup>30</sup>.

Diante dessa condição apresentada por Wolff, a mulher não poderia ser vista como companheira ou igual, mas sim, passaria a ser percebida como uma propriedade do seu marido e, como tal, deveria servir aos seus propósitos. A mulher deixa de ter sua individualidade respeitada e passa a ser alguém que vive em função de cumprir o seu papel social em total subordinação ao seu “proprietário”. Torna-se fácil conjecturar como seria a

---

<sup>29</sup> BENTHO, 2016, p. 165.

<sup>30</sup> WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 256.

autoimagem dessa mulher diante de tal situação: cumprir ou não o papel a ela determinado? Podemos imaginar o sentimento de frustração da mulher que não conseguisse gerar filhos, era “estéril como um todo”.

Além da geração de filhos, a mulher também educava os filhos preparando-os para as tarefas do cotidiano. Segundo Gerstenberger, a mulher cuidava das crianças pequenas ensinando as questões básicas da vida em sociedade e também as primeiras atividades específicas para os meninos e para as meninas.<sup>31</sup> Assim que os garotos alcançavam autonomia passavam a estar com os homens, já as meninas eram educadas pelas mulheres até os seus casamentos. Também cabia às mulheres a supervisão dos servos da casa e da economia doméstica. Já os homens se ocupavam dos jovens e adolescentes, dos servos do campo, da agricultura, da criação de gado e da segurança familiar.

Segundo Kunz, muitas são as narrativas veterotestamentárias de outros papéis desenvolvidos pelas mulheres: servas, sábias, carpideiras, líderes, rainhas e juíza. É preciso considerar que algumas dessas atribuições são exceção, e não regra.<sup>32</sup> Um exemplo é com relação ao papel de juíza que foi ocupado apenas por Débora (Jz 4-5).

Ao pensarmos na vida religiosa, a sorte das mulheres segue a mesma direção da vida cotidiana. Para Neuenfeldt:

O lugar que as mulheres ocupam no culto tem a ver com o lugar que lhes é atribuído ou permitido na sociedade como um todo. Na sociedade israelita, retratada no Antigo Testamento, a religião está profundamente emaranhada na vida cotidiana.

---

<sup>31</sup> GERSTENBERGER. 1983, p. 50.

<sup>32</sup> KUNZ, Marivete Zanoni. *A atuação da mulher no Antigo Testamento e seu papel na sociedade*. Revista Batista Pioneira, Ijuí/RS, v. 3, n. 1, 2014 p. 52.



Não há uma separação clara entre funções religiosas ou políticas, apesar de haver instituições específicas. A dimensão religiosa busca controlar e influenciar toda a vida da pessoa<sup>33</sup>.

A mulher que na vida cotidiana ficava restrita as funções domésticas sem protagonismo aparente, tinha a mesma sorte na vida religiosa. A voz feminina emudecida na família é, também, abafada no cotidiano das práticas religiosas judaicas. O patriarcalismo expande seus domínios também no culto legando a mulher um papel secundário que raramente seria redimensionado ou questionado.

Esse padrão percebido na vida cotidiana judaica, inclusive na religiosa, foi, conseqüentemente, acrescentando à narrativa bíblica e chegou aos dias atuais com um forte apelo do “sagrado”. Dessa forma podemos perceber o quanto a depreciação, submissão e a exploração da mulher, tão presentes em nossa atualidade, poder ter sido fortalecida pelas narrativas religiosas. O patriarcalismo, ainda presente em nossa civilização ocidental, pode ter recebido forte influência da tradição religiosa. Mas, essas são questões que precisam ser amadurecidas em pesquisas que ainda precisam ser aprofundadas.

Até aqui percebemos a natureza do papel da mulher na sociedade hebraica durante o Antigo Testamento. Esperava-se que a mulher fosse uma esposa submissa e uma mãe fértil e perpetuadora da ordem social estabelecida. Mas, e quando essa mulher era infértil? A esterilidade era

---

<sup>33</sup> NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.46, n.1, 2006, p. 85.

vista com muito pesar nessa sociedade e, por sua vez, representaria uma grande frustração, medo e tristeza para com a mulher. Acerca disso, conversaremos no próximo tópico.

#### **4 O DILEMA DA ESTERELIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Assim que a narrativa bíblica apontou para o surgimento do primeiro casal, já foi possível se deparar com a intenção divina indicando a urgente multiplicação dos seres humanos. No primeiro capítulo do Antigo Testamento, o homem e a mulher receberam a clara ordenança: “Sejam frutíferos, multipliquem-se e encham a terra” (Gn 1.28). Segundo Smith (2001, p. 240), Javé abençoou o ser humano com o poder da reprodução. Porém, uma tarefa que estava dependente de uma dupla responsabilidade desencadeava na narrativa patriarcal em uma ampla responsabilização da mulher. Se tudo desse certo, a família era abençoada. Se os filhos não viessem ao mundo, a mulher era responsabilizada.

Ao longo da história veterotestamentária, a sociedade estava ciente de que a maternidade era obra divina e não humana. Porém, segundo Benthó, “se um casal não tivesse filhos, a primeira suposição era de que a mulher fosse estéril, e por isso mesmo, era amaldiçoada por Deus”<sup>34</sup>. Os textos bíblicos apontam para essa realidade (Gn 30.1,2,22 / Gn 16.2) e não deixam dúvida acerca da grande responsabilidade que recaia sobre os ombros e ventres femininos.

---

<sup>34</sup> BENTHO, 2016, p. 217

Podemos perceber uma forte orientação bíblica confirmando o papel da mulher com relação à continuidade da família gerando os filhos e perpetuando a linhagem do marido. A ocasional esterilidade da esposa impulsionava à família na busca por outros meios legítimos para a geração dos filhos. Wolff nos aponta a inserção de concubinas e escravas com a finalidade de conceber os filhos que a esposa não poderia gerar (Gn 25.6; Gn 16.1; Gn 30.3; Jz 8.30; 2 Sm 5.13).<sup>35</sup> Desta forma, estava assegurada a longevidade do nome do homem. Essa era uma prática muito usada durante o período patriarcal, estendendo-se, com menor adesão, durante outros períodos.

O problema da esterilidade pode ser observado nas narrativas bíblicas das esposas dos primeiros grandes patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó. Para Benthó, “a maternidade foi-lhes negada misteriosamente a fim de cumprir um propósito teleológico, não compreensível a suas mentes racionais limitadas”.<sup>36</sup> A promessa divina (Gn 12.2) acerca da grande nação a ser gerada não encontrava amparo na racionalidade destes personagens bíblicos. Diante da dificuldade em gerar filhos, paliativos foram buscados com a finalidade de acalantar a obsessão em gerar filhos. Entre esses paliativos, os concubinatos de seus maridos foram levados em conta.

Diante dessas estratégias, muitas foram as tensões criadas. Ciúmes, competições, sentimento de frustração, depressões, batalhas por liderança e herança, entre outros problemas, se fizeram presentes. Segundo Wolff:

---

<sup>35</sup> WOLFF, 2007.

<sup>36</sup>BENTHO, 2016, p. 165

para muitas mulheres, os ciúmes contra uma ou mais mulheres e seus filhos devem ter se tornado um tormento (1 Sm 1); também a autoridade sobre os diversos filhos e seus direitos de herança podiam acarretar problemas difíceis, quando duas mulheres eram amadas de forma desigual pelo marido, o que deve ter sido a regra. Finalmente, para muitas mulheres devia faltar aquela segurança duradoura que poderia proporcionar um matrimônio monogâmico<sup>37</sup>.

Essas tensões eram geradas a partir das tomadas de decisões que visavam solucionar as consequências da esterilidade. Mas, se por um lado traziam novos membros às famílias, por outro, também traziam uma grande diversidade de complicações. Inúmeras são as narrativas encontradas no texto bíblico que ilustram essa questão.

Vejamos uma das mais famosas situações conflituosas criadas a partir do concubinato: a história envolvendo Sara e sua serva Hagar (Gn 16 a 18). Com a dificuldade de Sara em gerar um filho, a serva Hagar foi chamada para deitar-se com o seu senhor. Assim que a criança nasceu, a serva sentiu-se empoderada ao passo que Sara percebeu-se diminuída tendo desvalorizada a sua condição de mulher e esposa. Tudo se agravou anos mais tarde com o nascimento do filho biológico de Sara, Isaque, fazendo com que a mãe entendesse que poderia expulsar a serva e o seu filho do acampamento. O jovem Ismael, mesmo sendo filho biológico de Abraão, foi desprezado.

Semelhantes histórias seriam vividas envolvendo as próximas gerações reforçando o quão forte era a responsabilidade da mulher quanto à geração dos filhos e como a esterilidade a colocaria em uma difícil posição frente às cobranças de uma sociedade patriarcal.

---

<sup>37</sup> WOLFF, 2007, p. 260.

Teologicamente, problemas são percebidos quando busca-se refletir a questão da esterilidade na sociedade judaica. Se olharmos simplesmente as questões sociológicas e legais de então, segundo Benthó, amparadas pelas leis hamurabianas (no artigo 144 do Código de Hamurabi), por exemplo, as mulheres estéreis se justificariam usando o artifício do concubinato.<sup>38</sup> Mas, no propósito divino, segundo a fé judaica, grandes eram os problemas gerados desafiando importantes temas teológicos e provocando um relativo sofrimento.

Já no prólogo, o texto bíblico apresenta Deus como o Criador. Segundo Lasor, a criação do homem e da mulher foi completa e os seus propósitos foram plenos em essência.<sup>39</sup> Criados como uma só carne, homem e mulher receberam juntos as determinações sobre como deveriam proceder e viver.

Smith afirma que a mulher não foi criada para ser uma “mera ajudadora” do homem, muito menos ser por ele diminuída e subjugada.<sup>40</sup> O problema da desvalorização e do sofrimento impostos a mulher estéril são afrontas a condição soberana do ato criador de todas as coisas. Quando se insiste na violência de gênero (mesmo que moral) para com a condição infértil da mulher, também se afronta o próprio Deus que tudo fez.

Diante desta constatação, o Deus Criador tem sua condição também questionada enquanto autor de uma obra perfeita. O propósito de Deus,

---

<sup>38</sup> BENTHO, 2016.

<sup>39</sup> LASOR, William. HUBBARD, David. BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

<sup>40</sup> SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

ainda segundo Smith, é que, homem e mulher, por serem criados pelas mãos divinas e à imagem de Deus, a diferença entre os sexos não deve incorrer em subsídio para uma imposição de graus de domínio e poder.<sup>41</sup> Ambos fazem parte de um único projeto e partilham de semelhante relevância e competências perante o Criador em uma cooperação responsável buscando forças do relacionamento que cada um tem com Deus.

A promessa de Deus sempre apontou para uma grande nação e, mediante a sua fidelidade, os que receberam a promessa poderiam descansar. Mas, sempre que os filhos se fizeram ausentes nas famílias, dúvidas foram levantadas, e a mulher era cobrada como sendo o centro da problemática. Mediante a eleição e as promessas divinas, segundo, Abraão deveria ser o pai de uma grande nação, mas Sara era estéril (Gn 11.30)<sup>42</sup>. Mediante os servos, o homem era o grande senhor, mas a mulher era condenada ao interior das tendas para chorar suas frustrações.

Então, temas como graça, fé e promessa são evidenciadas e a dependência divina se materializava em milagres. A tristeza de Sara se transformava em riso (Gn 18.12-15) e a esperança de Abraão tornava-se real mediante a sua plena confiança em Deus.

Outro exemplo da graça de Deus sobre a vida pautada na devoção e fidelidade dos seus servos é a história que envolve o nascimento do profeta Samuel. Para Lasor, “a história centra-se na angústia de Ana por não mostrar-se capaz de obedecer ao ‘imperativo da fecundidade’, angústia

---

<sup>41</sup> SMITH, 2001.

<sup>42</sup> LASOR, 1999.

potencializada pelas censuras desdenhosas da rival.<sup>43</sup> Sua condição lembra Sara (Gn 16.1; 21.9), mas era ainda mais vexatória; enquanto Hagar era uma esposa escrava, Penina gozava de pleno status de esposa”.

Em ambas as narrativas (a de Sara e a de Ana) os milagres aconteceram e as mulheres tiveram motivos para sorrirem e serem agradecidas a Deus. Porém, mesmo em meio a histórias como essas, pode-se perceber a força com que a responsabilidade da geração de filho recai sobre a mulher. Sara sofre e manda a serva embora, Ana é humilhada e chora. Ambas vivem a responsabilidade por protagonizarem o caminho da bênção divina em suas casas personificadas nas crianças que correm cheias de esperança.

## CONCLUSÃO

O presente texto buscou propor uma reflexão acerca das questões de gênero nos tempos do Antigo Testamento. Desde a narrativa da criação diversas questões relacionadas aos papéis masculinos e femininos foram determinantes nos enredos e nos desfechos.

Inicialmente, buscamos conhecer melhor as atribuições masculinas e femininas na sociedade judaica veterotestamentária e, conseqüentemente, os impactos do “não cumprimento” desses papéis com um destaque principal para a esterilidade. Nessa família patriarcal, a mulher levava

---

<sup>43</sup> LASOR, 1999, p 182.

sobre si a grande responsabilidade de gerar os filhos. Quando isso não acontecia, as tensões eram percebidas como pudemos ver.

Ao considerarmos os temas teológicos da narrativa bíblica, pudemos, ao longo do texto, perceber que essas tensões foram mal interpretadas e a mulher “serva” deveria ser na verdade a mulher “companheira”. Dessa forma, as tensões que são refletidas nos dias atuais como herança das narrativas bíblicas interpretadas sobre um viés fortemente patriarcal seriam melhor compreendidas e implicariam, pelo menos, em mudanças comportamentais.

Ainda há muito a ser pesquisado e produzido nessa área. As questões de gênero presentes na narrativa bíblica sempre influenciaram as sociedades que se debruçaram sobre tais textos desde a antiguidade até a contemporaneidade. Nesse ponto, é latente a necessidade de uma abordagem maior acerca das questões de gênero na Bíblia proporcionando assim condições para análises mais criteriosas e interpretações mais imparciais promovendo olhares que valorizem as vozes emudecidas ao longo dos tempos.

## REFERÊNCIAS

- BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: História e Sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Dominar ou Amar: o Relacionamento de Homem e Mulher no Antigo Testamento*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.23, n.1, 1983.



KUNZ, Marivete Zanoni. *A atuação da mulher no Antigo Testamento e seu papel na sociedade*. Revista Batista Pioneira, Ijuí/RS, v. 3, n. 1, 2014.

LASOR, William. HUBBARD, David. BUSH, Frederic. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NEUENFELDT, Elaine. *Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas*. Revista Estudos Teológicos, São Leopoldo/RS, v.46, n.1, 2006.

SMITH, Ralph. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.